

DECOLONIZANDO O TURISMO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS COM AYAHUASCA NA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE (PE-BRASIL)

KLEYTTON DA SILVA RODRIGUES¹
ORCID – 0000000194763516

ISABELA ANDRADE DE LIMA MORAIS²
ORCID - 0000000188361625

Recebido em DD.MM.AAAA (Para preenchimento da CULTUR)

Aprovado em DD.MM.AAAA

Resumo

Existe um movimento turístico que atrai turistas de várias partes do Brasil e do mundo para a Região Metropolitana do Recife e que é incentivado pelo chá da ayahuasca, um chá ancestral utilizado em rituais religiosos de cura por diversas etnias indígenas da floresta amazônica. O presente estudo busca investigar e este tipo de turismo a partir da perspectiva construída com base na teoria da complexidade de Edgar Morin. A metodologia e os resultados desta pesquisa tem base em um documentário realizado através do edital 007/2020 BICC/PROExC/UFPE, que a partir de entrevistas realizadas com turistas que visitaram a região, foi possível perceber que a busca pelo autoconhecimento se fez presente num contexto espiritual com base em uma religiosidade individual e subjetiva de cada participante, tornando a experiência com a ayahuasca um entendimento religioso complexo e diverso, que também traz luz a um conhecimento ancestral dos povos originários do Brasil.

Palavras-chave: Turismo. Decolonial. Ayahuasca. Teoria da Complexidade.

DECOLONIZING THE TURISM BY EXPERIENCES USING AYAHUASCA IN THE METROPOLITANIC AREA OF RECIFE (PE-BRASIL)

Abstract

There is a tourist movement that attracts tourists from many parts of Brazil and around the world, to the city of Recife, which is encouraged by the Ayahuasca, an ancestral tea used in religious healing rituals by the Indigenous Ethnicities of the Amazon rainforest. The present study seeks to investigate this tourist niche from the

¹ Aluno do Curso de Turismo do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco

² Orientadora. Antropóloga e Professora Associada do Departamento de Hotelaria e Turismo da Universidade Federal de Pernambuco.

perspective built on Edgar Morin's Complexity's Theory. That way, it is possible to understand the real motivation of these tourists that visit the Center located in the State of Pernambuco. The methodology and results of this research are based on a documentary made through the public notice 007/2020 BICC/PROExC/UFPE, which has a bunch of interviews with several people, tourists who visited the region. With those videos, it was able to notice that the search for self-knowledge is was present in a spiritual context based on an individual and subjective religiosity of each participant, making the experience with Ayahuasca a complex and diverse religious understanding, which also sheds light on an ancestral knowledge of the native peoples of Brazil.

Keywords: Turism. Decolonize. Ayahuasca. Complexity's Theory.

1. INTRODUÇÃO

Existe um fenômeno turístico, pouco explorado pela academia, mas que se faz presente no Estado de Pernambuco, atraindo pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo, em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca, um tipo de bebida sagrada dos povos indígenas da Amazônia. Ou seja, esta movimentação turística trás consigo uma relevância significativa para a valorização da cultura tradicional.

Para entender melhor esse tipo de turismo foi produzido o documentário “Decolonizando o Turismo: rituais indígenas com a ayahuasca em Pernambuco”, através do projeto de extensão do Programa de Estímulo à Cultura (PEC), a partir da chamada pública do edital 07/2020 da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC), da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), disponível na plataforma online do youtube.com.

Há, no município de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife, em um bairro chamado Aldeia dos Camarás, distante 20km da capital pernambucana, Centros que realizam ritos e rituais indígenas utilizando a ayahuasca. A Aldeia UniOM e a Casa de Xamanismo Centro da Terra, realizam rituais seguindo as tradições ancestrais dos povos originários do Brasil. Algumas etnias indígenas como os Fulni-ô, nativos do Sertão Pernambucano e indígenas de outros povos da Amazônia, como os Huni Kuin, os Yawanawa e os Noke Kuin, visitam esses espaços e realizam cerimônias de cura, atraindo um público significativo para o Estado de Pernambuco.

Em um contexto de Globalização, o chá da ayahuasca rompeu a barreira das aldeias e ganhou o mundo. A busca por experiências ancestrais através da ayahuasca em meio a um contexto urbano e moderno incentiva pessoas de várias partes do Brasil e de outros países a se deslocarem com um objetivo que deve e precisa ser melhor entendido



pelo setor turístico.

Sabe-se que o turismo é definido como um fenômeno social que promove lazer, distração, entretenimento e novas descobertas. Além disso, é importante o entendimento de que esta atividade promove a interação de diferentes culturas, resultando na troca de informações e conhecimentos por meio de uma interação entre os visitantes e as pessoas residentes dos locais visitados (ALMEIDA; ENOQUE; JUNIOR, 2020, p. 03). Por isso a movimentação de pessoas com o objetivo de experimentar “um conjunto de novas descobertas, novos sentimentos, novas curiosidade e novas vivências” (ALMEIDA; ENOQUE; JUNIOR, 2020, p.07), em lugares distintos do seu local de origem estaria influenciando o surgimento de um novo tipo de deslocamento turístico. Dessa forma, alguns questionamentos acabam surgindo: que tipo de turismo é este? Como podemos compreender esse tipo de deslocamento?

A partir de tais questionamentos, busca-se entender que tipo de nicho turístico está sendo analisado. Seria esse um etnoturismo, visto que as tradições indígenas estão presentes em um dos principais objetivos deste deslocamento? Ou talvez um tipo de turismo religioso, visto que tal experiência desperta a fé de cada indivíduo. Turismo místico também pode ser levado em consideração devido ao relato da experiência das pessoas que visitaram a região. Qual seria o termo apropriado para a atividade em questão?

Vale ressaltar também que o processo de decolonização é algo que precisa ser levado em consideração quando nos referimos a uma atividade turística que valoriza uma cultura que resiste no Brasil desde antes da invasão dos portugueses. É uma prática que mobiliza tanto os turistas quanto os grupos indígenas que se deslocam de seus territórios para proporcionar experiências tradicionais de conexão com os saberes e fazeres nativos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista o Brasil, um país continental e de uma sociedade multicultural, é de se esperar que o turismo no país seja algo bastante diverso. No Nordeste, especificamente em Pernambuco, um dos nichos turísticos mais levado em consideração pelos turistas que visitam a Região, além do Turismo de Sol e Praia, é o Circuito das Igrejas, como é chamado pelo Ministério do Turismo. Este segmento do Turismo Cultural, leva em consideração as Igrejas localizadas na Região Metropolitana do Recife, e que tem uma perspectiva colonial e histórica bastante admirada pelas pessoas que visitam o Estado.

O Projeto Circuito Sagrado, da Prefeitura do Recife, iniciativa da Secretaria de Turismo e Lazer, foi lançado no ano de 2014 e tem o principal objetivo de apresentar aos visitantes dos Templos Religiosos da Região, turistas ou residentes locais, a História e as principais características arquitetônicas das construções do período colonial. O Projeto seleciona estudantes de História, Turismo e Arquitetura para realizar as visitas guiadas nos seguintes Templos: Madre de Deus, Capela Dourada, Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife, Basílica de Nossa Senhora da Penha, Santa Tereza D'Ávila da Ordem Terceira do Carmo e Nossa Senhora do Carmo e a Sinagoga Kahal-Zur Israel. Todas elas localizadas no Centro da Cidade do Recife.

Entende-se, então, que o Turismo Religioso na capital do Estado de Pernambuco se caracteriza predominantemente por um viés cultural Europeu, visto que, a motivação da fé das pessoas que visitam tais templos, são em sua maioria da perspectiva católica ou a apreciação pela História e arquitetura de um processo colonial de poder ocorrido no passado do território brasileiro. Ou seja, as religiões trazidas pelos colonizadores são as que esse turismo leva em consideração na prática e nos atrativos dos que visitam a Região.

O Turismo Religioso é caracterizado por atividades decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas. Junto ao Turismo Cívico, Místico/Esotérico e Étnico, o Turismo Religioso está entre os segmentos específicos do Turismo Cultural trabalhados pelo Ministério do Turismo (MTur).

A Problemática é questão, é o fato de que, apesar de no site do Ministério do Turismo, ter citado outras perspectivas do Turismo Religioso, como por exemplo o Turismo Místico/Esotérico, é importante ressaltar que na prática, essas perspectivas não

são levadas em consideração. No Projeto Circuito Sagrado, por exemplo, não existe nenhuma visita que leve em consideração qualquer manifestação da cultura afro-brasileira, apesar de existirem diversos terreiros que resistem na capital de Pernambuco e que tem um contexto Histórico de bastante relevância para a cultura da Região, mas que é claramente desconsiderado pelo Setor Turístico do Estado.

O terreiro Ilê Obá Ogunté Sítio de Pai Adão foi reconhecido [...] como Patrimônio Cultural do Brasil. O título concedido ao terreiro localizado no bairro de Água Fria, na Zona Norte do Recife, foi concedido, de forma unânime, pelo Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (G1, 2018).

Nesta matéria do G1 publicada no ano 2018, é possível perceber que, de fato, não tem nenhum incentivo cultural por parte do Município para haver uma real valorização a respeito do contexto cultural e religioso, a não ser, aquele que pertencia a cultura do período colonial, como as Igrejas Católicas e construções do período da invasão. Vale então, refletir sobre o fato de que, o setor turístico muitas vezes alimenta uma segregação cultural que precisa ser problematizada para que possamos valorizar e reconhecer a cultura que faz parte do Brasil, e não a cultura que oprime os que residem neste território.

2.1 Decolonizando os saberes

É preciso o entedimento da perspectiva decolonial, para que exista uma maior valorização cultural nos territórios colonizados. Primeiro, é importante esclarecer que, o termo, Descolonização (com “s”), se refere a um processo social que tem como objetivo reverter a colonização, ou seja, afirma que o processo histórico causado pelos colonizadores foi finalizado e é preciso superar este período.

Porém, sabemos que durante o processo de colonização, acreditava-se que todo povo colonizado se desprendia de sua linguagem originária e se aproximava cada vez mais da metrópole colonizadora, ou seja, quanto mais esse povo rejeitava sua negridão ou seu mato, mais branco essa cultura se tornava, reforçando assim um apagamento constante de contextos culturais diversos das regiões invadidas (REIS e ANDRADE, 2018, p.04). Fica evidente, portanto, que a partir deste período, diversos valores de raça, economia e cultura foram injetados na mente desses sujeitos que eram inferiorizados pelo colonizador (REIS e ANDRADE, 2018, p. 05).

As críticas feitas ao contexto moderno e colonial de poder são de suma importância

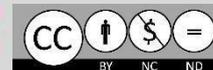
quando nos referimos ao fato de que elas abrem espaço para a transformação de uma condição colonial de poder que historicamente dominou, oprimiu e escravizou os colonizados. Portanto, a causa decolonial (sem “s”) leva em consideração uma cultura complexa e diversa que foi, e ainda é, silenciada pelos invasores séculos atrás (CUNHA, 2018, p.308). Além disso, a decolonização também conta com o protagonismo de pessoas latino-americanas que estão na linha de frente desse processo que dá luz a uma riqueza cultural e valores sociais ocultados injustamente pela dominação dos invasores (CUNHA, 2018, p.308).

Por isso o pensamento decolonial propõe uma perspectiva que busca romper com o que foi gravado na subjetividade dos povos colonizados e que permanecem por gerações naqueles de diáspora forçada (africanos) e nos originários (indígenas) (REIS e ANDRADE, 2018, p.05), ou seja, não apenas retirar a roupagem dos colonizadores, mas sim resgatar e reconstruir toda a perspectiva dos autóctones que foram violentamente reprimidas pelo colonizador e que ainda vive uma reparação do processo (neo)colonial mundial de poder (REIS e ANDRADE, 2018, p.07).

Então a decolonização surge como uma tentativa de emergir conhecimentos que sempre existiram e que não encontravam sua devida valorização no conhecimento acadêmico dos povos eurocêntricos. A decolonização afirma ainda que o processo colonizador é um padrão mundial de poder que perdura até os dias atuais, visto que as marcas deixadas pelo colonizador não abandonaram os territórios colonizados (REIS e ANDRADE, 2018, p.04). Existe uma luta contínua de resistência dos países invadidos para reverter os danos causados no passado. (CUNHA, 2018, p.308)

O movimento Decolonial não se limita a uma perspectiva única de reivindicação, muito pelo contrário, é uma luta planetária presentes em vários movimentos sociais, como o Fórum Social Mundial, o Fórum Social das Américas, o Movimento Sem Terra no Brasil, Movimentos Sociais Indígenas, Afro, LGBTQIAP+ e tantas outras pautas que reivindicam a preservação da água, da terra e de toda a natureza que ainda resiste às explorações desenfreadas (CUNHA, 2018, p.317).

O objetivo da decolonização, portanto, tem como perspectiva o pensar a partir de outros idiomas, outras tradições e pensamentos distintos do dominador ocidental. (CUNHA, 2018, p.309). Cunha (2018) afirma que a colonização não se restringe apenas a aspectos de administração e poder, mas também influencia diretamente os saberes e fazeres, bem como, o entendimento do ser. Ou seja, se cria no subconsciente dos indivíduos colonizados uma ideia equivocada que diferencia e distancia certos povos com



determinada cultura:

A ideia de “raça”, como naturalização das novas relações de poder impostas pelo colonizador, destruiu as subjetividades dos povos colonizados, classificou-os como “inferiores” e, por fim, levou-os ao extermínio. (CUNHA, 2018, p.312).

Então a decolonização entende-se como um processo crítico que busca evidenciar um lado colonial do sistema mundial moderno e a colonialidade do poder que está intrínseca nessa modernidade. Além de estabelecer a substituição de uma geopolítica de Estado imperial do ocidente que perdura por 500 anos, por uma geopolítica de Estado de pessoas, línguas, religiões, conceitos políticos, econômicos e outros que foram negados. (CUNHA, 2018, p.316).

O filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres, sugeriu um novo termo, o ‘giro decolonial’ que se refere a um movimento que luta por representar uma nova interpretação que põe em evidência uma perspectiva que foi silenciada por uma ideologia imperial que se posicionava como única e verdadeira (CUNHA, 2018, p.316). Este movimento, então, propõe o desprendimento de uma condição colonial de poder, ser e saber (CUNHA, 2018, p.317).

As críticas feitas ao contexto moderno e colonial de poder são de suma importância quando nos referimos ao fato de que elas abrem espaço para a transformação de uma condição colonial de poder que historicamente dominou, oprimiu e escravizou os colonizados, ou seja, a causa decolonial dá voz a uma cultura complexa e diversa que foi, e ainda é, silenciada pelos invasores séculos atrás (CUNHA, 2018, p.320).

2.2 Ayahuasca, um chá ancestral

Apesar do termo “alucinógeno” ser utilizado para definir equivocadamente algumas substâncias alteradoras de consciência, vale diferenciar a classificação desses vegetais, como a ayahuasca, os cogumelos mágicos, o cacto mescaline e muitas outras espécies de vegetais cultuadas por povos indígenas de diferentes culturas. Esta distinção de termos traz consigo uma perspectiva de resistência cultural bastante significativa e que deve ser levada em consideração ao analisarmos esses saberes e fazeres ancestrais de forma decolonial.

Consideradas “plantas mestres³” por diversas culturas do mundo, esses vegetais são capazes até de ensinar ao ser humano o caminho para o contato com Deus e

com uma dimensão espiritual, onde se faz possível o acessar conhecimentos e ensinamentos profundos sobre si e sobre a realidade (LABART e GOULART, 2007, p.358). Por isso alguns pesquisadores criaram um outro termo, “enteógeno”, para substituir o uso da palavra “alucinógeno”, que carrega consigo conotações negativas, tendo sua origem nos paradigmas culturais gerados nos anos 60, devido ao uso constante de psicodélicos utilizados no movimento da contracultura (TUPPER, 2012, p.02).

Labart e Goulart (2007, p.359) afirmam que o uso dessas substâncias psicotrópicas são utilizadas como uma forma de acessar o mundo dos espíritos e os seres que habitam esta dimensão, sejam eles, ancestrais que já se foram, animais encantados, seres vegetais, entidades e Deuses.

Tais substâncias são consideradas “enteógenas”, ou seja, carregam um deus (ou um “mestre ensinador”, para usar um dos muitos termos nativos) em si mesmas e tornam as pessoas que as utilizam capazes de ter contato com o mundo espiritual (LABART e GOULART, 2007, p.359).

Para um melhor entendimento, o termo enteógeno deriva da junção de duas palavras gregas, são elas, entheos, que significa “Deus dentro de si”, e genesthe, que quer dizer, “gerador”, ou seja, é possível ter uma tradução livre do termo enteógeno, como algo que gera um Deus dentro do próprio indivíduo (TEIXEIRA, 2007). Esta palavra define de forma coerente os reais efeitos que acontecem durante o uso dessas plantas, visto que não ocorre nenhuma alucinação irreal, como é indicado no uso do termo alucinógeno, mas sim um contato mais próximo com o divino interior que habita toda a realidade ao qual o ser humano está inserido.

É preciso classificar da forma correta o chá da ayahuasca para que não seja feito um entendimento equivocado sobre essa tradição nativa, já que com o processo de globalização, esses conhecimentos foram descobertos e explorados por hippies, artistas, intelectuais e pessoas curiosas, que buscavam cura com essa sabedoria ancestral (HONORATO e SARAIVA, 2021, p.122). Apesar da perspectiva colonial existente no mundo ser algo dominante, é preciso observar toda a cultura a partir das narrativas daqueles que tiveram sua cultura oprimida por séculos.

4 É importante o entendimento de que, nem toda Planta Mestre pode ser classificada dentro da categoria de um Enteogeno. Além disso, também deve-se levar em consideração outros termos para definir essas substâncias, bem como, Planta Professora.

A ayahuasca faz parte desse contexto cultural nativo, sendo utilizada em rituais indígenas pelos povos da América do Sul por milênios e de acordo com o Relatório Final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho do Conselho Nacional de Políticas Sobre Drogas (CONAD), publicado em 2010, o uso do chá é liberado, desde que seja realizado em contexto religioso:

O processo de regulamentação do uso da ayahuasca no Brasil resultou na construção de uma resolução que permite o uso ritualístico da bebida. Em 2004, o Conselho Nacional Antidrogas (CONAD) promoveu uma revisão das recomendações feitas para o uso da ayahuasca e instituiu novamente um Grupo Multidisciplinar de Trabalho para levantamento e acompanhamento do uso religioso da ayahuasca, bem como para a pesquisa de sua utilização terapêutica. Os termos de regulamentação do uso da ayahuasca foram publicados no Diário Oficial da União no dia 26 de outubro de 2010. (CONCEIÇÃO e ASSIS, 2018, p.163).

Sendo assim, a ayahuasca é legalizada em território brasileiro. Por isso, a partir desta liberação, seu uso acabou se tornando cada vez mais popular, permitindo também a realização de estudos científicos com o objetivo de comprovar a sua eficácia em uso terapêutico, seja no tratamento e controle de vícios, de transtornos de esquizofrenia, ou até mesmo na melhoria significativa da depressão (ARAÚJO e TATMATSU, 2020, p.157).

A palavra ayahuasca deriva da língua Quechua, e significa “vinho da alma”, mas também é conhecida com outras denominações, dependendo da origem étnica do seu uso, como por exemplo, NixiPae para os HuniKuín, ou Uni para os Yawanawa, podendo, inclusive variar de acordo com a religião que a utiliza, como as doutrinas do Santo Daime e da União do Vegetal (ASSIS e RODRIGUES, 2018, p.138).

O chá é feito a partir da cocção de duas plantas amazônicas, o Cipó, conhecido como Jagube ou Mariri, e folhas do arbusto chamado Chacrona. Seus efeitos são obtidos a partir da “associação de β -carbólinas, inibidoras reversíveis da enzima monoaminoxidase (MAO), com a *P. viridis*, que contém o DMT” (ARAÚJO e TATMATSU, 2020, p.157). Dessa forma a ingestão do chá resulta no aumento de serotonina e torna possível que o DMT, molécula presente naturalmente no nosso organismo, seja metabolizada e administrada por via oral.

É importante lembrar que estes benefícios terapêuticos só são possíveis a partir do uso controlado e supervisionado por pessoas que tenham um estudo mais aprofundado na realização de cerimônias espirituais com o uso do chá “o ambiente no qual a

AUTOR | CULTUR - v. NN, n. NN (AAAA) | ISSN: 1982-5838

substância será ingerida é um determinante primordial de como será a experiência com a ayahuasca” (ARAÚJO e TATMATSU, 2020, p.160).

No artigo intitulado “Compreensão de sentidos atribuídos à ayahuasca: percursos terapêuticos do uso ritualístico” é possível entender que existem evidências que indicam o uso milenar da ayahuasca de forma medicinal pelos próprios indígenas e suas tradições ancestrais:

[...] historicamente, os registros apontam que o uso da bebida possui diversas funções nos distintos grupos indígenas, assumindo papéis de remédio, diagnóstico e busca pela fonte da doença, no sistema de medicina tradicional da etnia, ou veículo de comunicação com o mundo dos mortos (CONCEIÇÃO e ASSIS, 2018, p.163).

Seu uso rompeu os limites das aldeias indígenas localizadas na floresta amazônica a partir da popularização do Santo Daime, religião que influenciou a origem de diversas outras correntes religiosas que se utilizam do chá da ayahuasca como fonte de conexão espiritual, como a União do Vegetal e a Barquinha (HONORATO e SARAIVA, 2021, p.122). Vale ressaltar que essas religiões ditas ayahuasqueiras tiveram um papel fundamental dentro do processo de regulamentação do chá em território brasileiro para seu uso em contexto religioso:

[...] o período que marca o início do movimento de expansão de alguns destes grupos para várias regiões do Brasil coincide com as primeiras iniciativas de regulação do governo brasileiro em relação aos usos da *ayahuasca* feitos por estes mesmos grupos. (GOULART, 2021, p.201).

A partir desta popularização, a ayahuasca começou a atrair pessoas de diversos credos com objetivos distintos, mas que tinham uma vontade em comum, a conexão com uma tradição nativa da terra, os rituais indígenas com o chá enteógeno da Amazônia. Portanto, se existe um nicho turístico sendo incentivado pelo interesse em participar dessas cerimônias, é preciso entender melhor qual seria essa definição.

2.3. Analisando os diferentes nichos turísticos

Sabe-se que o turismo é um setor que movimenta a economia de uma determinada região, sendo uma atividade diretamente ligada ao contexto cultural, impactando a população local de forma direta ou indireta. Como resultado desta prática, temos reflexos

sociais, econômicos e políticos (ALMEIDA; ENOQUE; JUNIOR, 2020, p.3). O turismo, portanto, nos põe diante de uma outra vivência, com língua, cultura e até mesmo uma religião distinta (ABUMANSUR, 2018, p.89). Por isso, a atividade turística em uma determinada região traz consigo transformações significativas para as pessoas que visitam uma determinada localidade e entram em contato com uma nova cultura.

Dentro desta atividade temos diversos nichos que determinam um conjunto de significados que são considerados a razão para o deslocamento. O turismo vem sofrendo os impactos do processo de globalização, que devido ao constante intercâmbio cultural, os costumes ao redor do mundo acabaram se tornando homogêneos, e como consequência, turistas buscam saberes e costumes distintos da cultura dominante (NETO e TOPPINO, 2019, p.78). Na China, existe um amplo debate sobre o protagonismo dos camponeses chineses onde o conceito de “estamos no mundo” se faz presente. Já na Oceania, turistas buscam a experiência em parques nacionais de áreas protegidas e preservadas pelos saberes e fazeres ancestrais dos povos aborígenes da região. Já no Brasil, o turismo étnico tem uma significativa importância pelo fato de conseguir conscientizar o turista sobre a diversidade cultural brasileira, a preservação ecológica e uma forte tradição ancestral desses povos (SOUZA et al., 2021, p.312).

Também conhecido como turismo étnico indígena, turismo indígena, turismo comunitário indígena, ecoturismo, turismo aborígena, ecoturismo indígena, entre outros, o etnoturismo, tem em sua definição principal, a valorização de uma comunidade tradicional específica (SOUZA et al., 2021, p.312), seja ela, indígena, quilombola, ou até mesmo os ribeirinhos que residem nessas localidades (NETO e TOPPINO, 2019, p.74).

A respeito do deslocamento de turistas para o município de Camaragibe, no Estado de Pernambuco, temos uma característica significativa no que diz respeito à razão para os turistas se deslocarem para a capital Pernambucana, que é a conexão com a tradição indígena através do uso do chá da ayahuasca e esse tipo de turismo tem se caracterizado como etnoturismo.

Este nicho turístico procura manter uma melhor conscientização sobre a preservação de uma tradição nativa, sendo os povos originários, os protagonistas principais desta atividade.

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e

econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (NETO e TOPPINO, 2019, p.74).

Vale ressaltar então que o etnoturismo se define como a vivência autêntica no modo de vida de uma determinada cultura, sendo essa, completamente distinta dos conhecimentos do visitante. (SOUZA et al., 2021, p.315). Ao entrar em contato com os saberes e fazeres ancestrais dos povos indígenas, temos como consequência uma quebra de paradigmas e também a oportunidade de entrar em contato com uma cultura pouco conhecida e pouco explorada pelas pessoas ao redor do planeta. Além disso, o contato com a ayahuasca por intermédio dos povos indígenas, faz com que a experiência tenha uma significância de respeito aos costumes e a valorização de uma sabedoria ancestral.

Em contraste com o turismo de massa, onde o local visitado é moldado para atender as necessidades dos turistas, no etnoturismo, a principal característica é mostrar os costumes da comunidade de forma socioambientalmente sustentável (NETO e TOPPINO, 2019, p. 79), ou seja, se preserva toda a rotina e atividades da comunidade indígena visitada, e quem precisa se adaptar a esta nova realidade e cultura são as pessoas que estão visitando esses espaços.

Há também uma outra denominação que pode ser utilizada para caracterizar o deslocamento de pessoas em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca em Pernambuco, que é o turismo religioso que, por definição, envolve a fé dos viajantes, onde a principal razão para o deslocamento é a religião (ALMEIDA; ENOQUE; JUNIOR, 2020, p.03). O turismo religioso, inclusive foi tema no último Fórum Nacional, realizado de forma online em dezembro de 2021, debatido com o seguinte objetivo:

[...] motivar, incentivar e difundir o turismo religioso, além de apresentar o segmento como fonte geradora de emprego e renda e o seu impacto cultural e socioeconômico no país e no mundo. (NASCIMENTO, 2021, apud ALMEIDA, 2020).

Dentro do turismo religioso, onde o objetivo da viagem se dá pela conexão com o sagrado dos viajantes, pode-se perceber uma ampla diversidade na prática da atividade em diferentes locais do mundo. O Vaticano, por exemplo, é muito visitado pelos turistas

católicos, já a Meca atrai visitantes da tradição muçulmana e a região de Jerusalém se tornou um lugar muito explorado pelos cristãos (SOUZA e NASCIMENTO, 2019, p. 292). Então pode-se perceber que, dependendo do lugar e do contexto cultural presente em uma determinada região, o turismo religioso se manifesta de diferentes formas e atrai um diferente público com o mesmo objetivo individual de conhecer um pouco mais dos símbolos da religião ao qual mais se identifica.

Apesar do catolicismo ser algo muito representativo em todo o território brasileiro, e em especial no Estado de Pernambuco com as Igrejas Católicas da Região Metropolitana do Recife, vale ressaltar que o turismo religioso movimentava diferentes credos, como por exemplo, religiões de matriz africana, em terreiros na Bahia, onde existe até mesmo a consulta de búzios, leitura de cartas e descarregos com os turistas (SOUZA e NASCIMENTO, 2019, p.305). Os terreiros de candomblé são patrimônio cultural e atrativos turísticos da Bahia. Um levantamento feito pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), revela que existem mais de 1.000 terreiros cadastrados que podem ser visitados.

O termo religião deriva da palavra em latim, *'religare'*, onde a principal e mais tradicional interpretação, afirma que a religião tem o objetivo de “retomar o que estava largado”, ou seja, a vida terrena tende a afastar o ser humano da sua ligação com o espiritual e essas práticas culturais buscam reconectar as pessoas com sua essência divina. Dessa forma, o turismo religioso pode ser interpretado com uma visão muito mais ampla que o conceito de religião em sua interpretação mais popularizada de algo dogmático e carregado de regras impostas por apenas um grupo específico de seguidores.

Segundo o texto de Abumanssur, “Turismo e Identidade Nacional” (2018, p.92), entende-se que este tipo de turismo ao aproximar culturalmente os visitantes da fé de uma determinada região, resulta na reafirmação e no fortalecimento de uma específica tradição religiosa.

Devemos analisar, então, um outro tipo de turismo que também está relacionado ao deslocamento de turistas em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca em Pernambuco, que é o turismo místico. O turismo místico compartilha aspectos comuns com o turismo religioso, porém é preciso entender a diferença entre eles, o turismo religioso se dá pelo contato coletivo com a fé individual de cada viajante e se manifesta de

forma coletiva entre um grupo significativo de fiéis, que entendem sua condição religiosa como algo predominante em sua vida, ou seja, temos aqui nesta categoria turística um sistema de crença predominante em um coletivo específico que decide vivenciar sua fé através da viagem, se caracterizando pela busca da fé dos peregrinos em um determinado lugar de forma cultural (GAMBOA, 2016, p.27).

Já o turismo místico se define com uma interpretação subjetiva e individual dos adeptos, tendo até um aspecto secreto na sua manifestação, com uma vivência livre culturalmente, onde o indivíduo decide se deslocar por razões íntimas que só podem ser entendidas no lugar visitado. Pode-se entender, portanto, a relação do turismo místico com as propriedades energéticas de um lugar, que parte de um “atrativo superior” em questão, trazendo consigo uma busca pela interpretação da geologia histórica de uma região específica (GAMBOA, 2016, p.29).

Para se ter uma melhor compreensão do turismo místico, temos alguns termos que se relacionam de forma ativa dentro desta atividade: vórtice energético, abdução, alquimia, avistamento, meditação, entre outros (GAMBOA, 2016, p.31). Estes termos definem um conjunto de propriedades energéticas que estão muito presentes no lugar visitado, sendo essa característica, o principal objetivo para este deslocamento. Vale ressaltar que a cultura emergente da Nova Era⁴ e pessoas que a acompanham podem ser os principais protagonistas do turismo místico, estando sempre em busca de aspectos energéticos de cura e de conexão com um mundo superior livre de dogmas.

Sin duda, la concepción de un espacio determinado como “vórtice energético” constituye uno de los pilares más importantes del movimiento *New Age*. Según varias corrientes asociadas a la *New Age*, existen “centros energéticos” diseminados a lo largo del mundo (Capanna, 1993; Heelas, 1993; Norrild, 1998). Estos lugares (llamados *power spots* en la literatura anglosajona), significan la principal motivación para que los turistas concurren a “recargarse de energía” o a “renovar la energía.” (GAMBOA, 2017, p.10).

4 A Nova Era se relaciona diretamente com a dita Era de Aquários, cujo principal entendimento é de que exista um mundo ideal onde o materialismo dá lugar à uma visão unitarista (STERN, 2019, p.6). Ou seja, entende-se como Nova Era, uma perspectiva livre das amarrações egóicas do ser, passando a valorizar uma visão mais coletiva de sociedade, cultura e espiritualidade. Stern (2019) afirma ainda que, a Nova era seria constituída pelos buscadores espirituais, pessoas que, muitas vezes estariam em comunicação com os espíritos, ou seres de outra realidade.

Por fim, pode-se perceber que, toda essa diversidade termos resulta no fato de que o turismo não pode ser definido com uma única perspectiva. Portanto, a teoria da complexidade se encaixa perfeitamente nessa interpretação devido ao fato de que se baseia em sistemas abertos de interpretações, se livrando de qualquer entendimento absoluto, visto que tal limitação cria uma fenda de conhecimentos, possibilitando assim novas possibilidades e contribuindo para o progresso da ciência (MATOS e BARBOSA, 2018, p.161).

A complexidade, teoria proposta por Edgar Morin, é um sistema aberto que possibilita a coexistência de pensamentos diferentes e todos esses pensamentos distintos fazem parte do todo, o todo seria justamente a própria complexidade (MATOS e BARBOSA, 2018, p.162). Sendo assim, percebe-se uma convergência de entendimentos, onde a teoria complexidade pode ser utilizada para entender o fenômeno em questão, dentro de uma perspectiva mais universalizada.

Além disso, para facilitar o entendimento do turismo, a complexidade afirma que, não há um ponto de vista soberano, mas quem sabe, entendimentos que se complementam ouse somam, visto que a prática turística se faz presente nos dias atuais de forma complementada com aspectos universalistas, conforme destaca Martinazzo:

Uma nova racionalidade para um pensar livre, multidimensional, multilocular e, portanto, complexo. Reorganiza a forma de pensar tradicional, linear e binária da cultura dominante, assimilando e superando o que ele denomina de saber simplificador, fragmentado e parcelar do especialista (MARTINAZZO e DRESCH, 2019, p.458).

3. METODOLOGIA

A pesquisa se destaca pela revisão bibliográfica e pela análise das entrevistas realizadas no documentário “Decolonizando o Turismo: rituais indígenas com a ayahuasca em Pernambuco”. Durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2021, foi feita uma pesquisa bibliográfica selecionando artigos nas plataformas: Periódicos CAPES, Scielo e Publicações em Turismo, com as seguintes palavras chaves: Turismo Religioso, Turismo Místico, Decolonização, Enoturismo, Enteógeno, Ayahuasca, Xamanismo e Teoria da Complexidade.

Foi optado buscar por palavras em português para que os artigos selecionados pudessem ter uma perspectiva local, para que dessa forma, não seja haja uma maior valorização da produção acadêmica dos pesquisadores latino americanos, cujo o ponto

de vista deve ser mais valorizado dentro desse entendimento decolonial da ciência. Portanto, os únicos autores com publicações estrangeiras, são nativos do continente Sul Americano, e que, apesar de alguns artigos no idioma espanhol terem sido utilizados na leitura prévia, foi preciso fazer uma maior seleção para que o material coletado pudesse contemplar os estudos realizados.

A princípio foram escolhidos mais de 100 artigos. Na temática do Etnoturismo, 13 artigos foram coletados, mas apenas 02 foram utilizados para a contextualização do tema abordado na pesquisa. No que tange o tema do Turismo Religioso foram selecionados 12 artigos, mas após uma leitura mais detalhada, apenas 03 foram selecionados para serem utilizados como referencial teórico. Na temática do Turismo Místico, inicialmente foram selecionados 07 artigos que, depois de analisados, apenas 03 fizeram parte do referencial teórico da pesquisa. O tema do Xamanismo teve 09 artigos a princípio e o tema da Teoria da Complexidade com 17 Artigos, esses dois temas também passaram por uma análise mais detalhada após a seleção bibliográfica inicial da pesquisa, restaram apenas 04 artigos na temática do Xamanismo e 02 na Teoria da Complexidade.

A segunda etapa da pesquisa bibliográfica aconteceu durante o ano de 2022, onde foi possível analisar os artigos referentes às temáticas da Decolonização, Enteógeno e Ayahuasca. Inicialmente foram coletados 20, 05 e 08 artigos, respectivamente, mas após uma análise mais detalhada, a pesquisa final contou com 06, 03 e 09 artigos para o estudo das respectivas áreas citadas acima, ou seja, como dito anteriormente, no início da pesquisa, 100 artigos foram previamente selecionados, mas após a seleção mais específica dos temas, 32 artigos foram escolhidos para fazer parte das referências utilizadas na pesquisa.

A seleção dos artigos coletados, foi feita com base em uma minuciosa leitura de todo o material, onde, o autor do presente estudo, optou por manter apenas os textos que definiam a prática turística em análise. Ou seja, dos 13 artigos previamente selecionados sobre o Etnoturismo, apenas 2, abordavam de forma clara, o que se entende como Etnoturismo; dos 12 artigos de Turismo Religioso, após a leitura, foram encontrados 2 que explicavam o que define este nicho. A mesma análise foi feita a partir da leitura dos demais temas, Turismo Místico, Decolonização, Ayahuasca e Enteógeno, foi preferível manter apenas as produções acadêmicas que explicam o que se entende pelos termos citados.

O mesmo aconteceu com o tema do Xamanismo. Apesar de inicialmente, terem sido selecionados 09 artigos sobre este tema, após uma leitura mais detalhada do

material coletado, foi possível manter apenas 04 artigos que definiam o que é Xamanismo, para que, dessa forma, fosse possível abordar dentro do referencial teórico. Porém, após o estudo do tema, foi possível perceber que, a temática do Xamanismo não contempla o que seria abordado neste estudo, visto que, o o contexto xamânismo, apesar de ter se popularizado no mundo todo, tem sua origem numa região que contradiz a perspectiva decolonizado que se busca neste estudo.

Vale mencionar também que muito antes da pesquisa bibliográfica realizada para analisar o contexto turístico em questão, foi feita a seleção do material para a produção do Documentário, com 50 entrevistas, sendo essas com 20 indígenas de diversas etnias do Brasil, incluindo os Ful'ni-o, do Estado de Pernambuco, localizado no município de Águas Belas, 02 indígenas da etnia HuniKuín do Acre e 01 Yawanawa, também do Acre; 30 relatos de adeptos do xamanismo que se deslocaram de seus estados e de seus países para participar de rituais indígenas em Pernambuco.

Lembrando que, para abordar o relato de todas as pessoas entrevistadas, foi optado pelo anonimato dos que participaram das entrevistas. Dessa forma, foram utilizados nomes fictícios para manter o anônimo dos que participaram da pesquisa, com exceção dos nomes Indígenas, visto que, se reconhece a devida importância cultural e de resistência que o nome nativo carrega no contexto urbano de sociedade, por isso, foi mantido os nomes e suas respectivas etnias.

Todos esses materiais e documentos foram coletados com o objetivo de criar um Documentário de mais de 80 minutos, que trata especificamente sobre a contextualização do projeto, sobre quais são os Centros que oferecem o chá (colaboradoras externas do projeto), sobre relatos dos participantes dos rituais xamânicos e sobre o turismo abordando o processo de decolonização.

Sendo assim, todos esses materiais, seja científico ou midiático, foram analisados e utilizados para este artigo.

4. RESULTADOS

Dentre as entrevistas realizadas para o documentário “Decolonizando o Turismo - Rituais Indígenas com Ayahuasca em Pernambuco”, Ixã Txana HuniKuín (Figura 1), viaja pelo Brasil conduzindo rituais tradicionais com a ayahuasca. Através de cânticos nativos, com seus ensinamentos tradicionais, ele enfatiza a importância do não indígena conhecer mais sobre o chá ancestral, diz: “a medicina é muito importante para a humanidade, conhecer se aprofundar e estudar mais a medicina”.

Figura 01: Ixã Txaná Hunikuín



Fonte: Documentário Decolonizando o Turismo - Rituais Indígenas com Ayahuasca em Pernambuco (2021).

Outro representante da etnia HuniKuín, conhecido como Tuim Nova Era, relata sobre a perspectiva de seu povo a respeito dessa tradição milenar que se mantém viva, resistindo:

Para nós, HuniKuín, ela é o poder de Deus. Quando nós consagramos ayahuasca nós estamos tendo o nosso contato com Deus, com Yuxibu. Na fala HuniKuín, Deus, o grande espírito, nós chamamos de Yuxibu. Nós não vivemos sem Yuxibu, sem Deus. Nós não vive sem água, nós não vive sem a Terra, nós não vive sem a

floresta, nós não vive sem o ar, e nós não vive sem os planetas. Então, Yuxibu, Deus é a natureza. E a medicina ayahuasca é a natureza (Tuim, 2021).

Iskukua Yawanawá, também conhecido como Biraci Jr., compartilhou que Deus no seu idioma se chama Nuke Sheni, mas que entende que o criador pode ter muitos outros nomes, como Deus, Allah, Jeová. Então o uso do chá da ayahuasca faz parte da cultura Yawanawá há milhares de anos e que a cura e o contato com Deus é feita de forma tradicional através deste chá e que seu uso está presente desde muito antes do período de invasão dos colonizadores.

Além dos indígenas da floresta, os indígenas do sertão pernambucano também compartilharam um pouco de sua cultura para que se possa ter um melhor entendimento a respeito do contexto em volta das Plantas Sagradas. Os Fulni-ô, são nativos do Estado de Pernambuco e seu território está localizado no município de Águas Belas, que fica a mais de 300km da capital Pernambucana. O Grupo Setsô Ixiitxwá (Figura 02), composto por Makairy, Megaron e Wackta, viajam o Brasil conduzindo rituais que atraem muitas pessoas com o intuito de se conectar com essa sabedoria ancestral. Makairy Fulni-ô contou um pouco da sua tradição com o chá ancestral: “para nós, Fulni-ô que temos a Jurema como a principal medicina nossa, mas assim como ayahuasca também, que vem dos nossos irmãos da floresta, são medicinas Irmãs.” Makairy, ainda completa sua fala comentando sobre a importância da resistência cultural:

De certa forma, as medicinas são uma arma nossa, que a gente tem pra mostrar a esse povo desaculturado. É uma arma que a gente leva ao não nativo, e é uma forma de mostrar a eles quem realmente somos. Não somos Deuses. Nós somos apenas instrumentos que temos um conhecimento nativo e levamos através dos cânticos, através das danças, as conexões de cada um (Makairy, 2021).

Figura 02: Grupo Setsô Ixiitxwá



Fonte: Documentário Decolonizando o Turismo - Rituais Indígenas com Ayahuasca em Pernambuco (2021).

Além dos nativos, muitas pessoas não indígenas também compartilharam suas experiências com a ayahuasca. Maria Eduarda, brasileira que reside no Reino Unido e Fernanda Lima, também brasileira mas que reside na Austrália, ambas afirmaram que sempre voltam ao Brasil para ter a oportunidade de se conectar com a cultura nativa da Terra.

Eduarda, em seu relato afirmou que existem muitos ritos e cerimônias no território europeu, mas que sente um certo preconceito em participar dessas cerimônias, visto que percebe um contexto de apropriação cultural por parte da população europeia. Em seu relato, comenta que: “mais uma vez, a galera daqui vai para as nossas terras, pega o que é nosso e se cria nisso. [...] como eu sou brasileira, eu quero ir na fonte!” Pela perspectiva decolonial abordada no presente estudo é necessário o entendimento de que a origem desta tradição se mantém viva nas florestas do Brasil e o contato com essa sabedoria deve levar em consideração a perspectiva latinoamericana.

Lima, por sua vez, comentou que apesar de saber que existem Centros no país em que reside que fazem uso do chá da ayahuasca, ainda não sentiu vontade de participar de nenhum e que pretende voltar ao Brasil e visitar Recife com o objetivo de experimentar novamente rituais e cerimônias que fazem uso da ayahuasca. Mônica afirmou ainda que ao consagrar o chá pôde sentir uma maior e melhor conexão com Deus e com o Divino.

Yasmin Costa, moradora do Estado da Paraíba, após visita aos Centros localizadas em Camaragibe, comentou que durante sua conexão com o chá da ayahuasca sentiu que tudo o que buscou durante toda a sua vida, apareceu na sua frente, em seu relato afirma que a partir do ritual da ayahuasca pôde “perceber e me dar conta de qual era minha verdadeira missão de vida.”

Matheus Fox, também morador do Estado da Paraíba, sempre visita a Região Metropolitana do Recife com o objetivo de participar dos encontros nos Centros e relatou as sensações proporcionadas pelo chá da ayahuasca: “o contato com a ayahuasca é o contato com a divindade. Você tem condições de alcançar níveis dimensionais, de abrir portais”. Além disso, afirmou também que a força do chá equaliza o corpo físico, denso, com o corpo e espiritual, sutil, e a partir deste fenômeno é possível alcançar cura nas dores físicas e nas dores da alma.

Essa cura mencionada por Fox é relatada também por outras pessoas. José Felipe, do Rio de Janeiro, e Nayara Medeiros, da Paraíba, comentaram sobre as curas percebidas durante o ritual que participaram, Felipe comentou que: “se a pessoa não estiver disposta, ela vai tomar o chá, vai ter revelações, mirações, vai ter a cura, mas vai ser muito momentânea. [...] Vá, mas só vá se tiver disposto a mudar, a se encarar, a olhar pra você com outros olhos”. Já Nayara M., afirmou que em um prazo de um mês conseguiu resolver muitas questões de sua vida que tentava resolver há muitos anos, como por exemplo um relacionamento abusivo e os problemas familiares.

Além dos aspectos religiosos e curativos percebidos no relato das pessoas que participam desses rituais, também é notável uma perspectiva mística por trás desses relatos. Luis Inácio, do Distrito Federal, também visitou Pernambuco com o objetivo de participar de um ritual com a ayahuasca e em seu relato afirmou que: “a mensagem que a gente recebe da ayahuasca é que não estamos sozinhos, nem no processo, nem na terra, nem no universo. Na verdade, nós estamos muito bem acolhidos por forças incríveis, forças desconhecidas ou conhecidas, que se apresentam no processo”.

Marina Silva, que sempre viaja saindo de seu Estado para visitar os Centros localizadas em Camaragibe, relatou:

Falar de um ritual de consagração da Ayahuasca com toda a diversidade e toda a complexidade que é inerente a ele, se torna realmente insuficiente através das

palavras, porque realmente só vivendo a experiência pra saber, sentir e compreender o que você realmente tem condições de acessar numa jornada como essa (SILVA, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível o entendimento de que o etnoturismo, o turismo religioso e o turismo místico, não se enquadram para definir o deslocamento de pessoas que decidem consagrar a ayahuasca em Pernambuco. Apesar dos Centros receberem os povos indígenas, e da existência de uma fé individual manifestada no coletivo, e também de um aspecto energético significativo sentido pelos visitantes, nenhuma dessas terminologias definem qual o real objetivo que incentiva as pessoas a viajarem para participar dos rituais com o chá indígena em território pernambucano.

Vale ressaltar que, apesar de haver aspectos espirituais e ou religiosos, não é possível classificar este tipo de turismo como turismo religioso, visto que não existe uma religiosidade coletiva na busca dos turistas pelos rituais nativos. Os aspectos místicos nas experiências com a ayahuasca, também se faz presente nessas experiências, como a questão energética e visionária dos efeitos causados pelo chá, mas mesmo assim, denominar este tipo de experiência como turismo místico não é suficiente, visto que este não é o real objetivo comentado pelas pessoas que viajam querendo uma experiência com o chá indígena.

Nos rituais que acontecem na Região Metropolitana do Recife utilizando a ayahuasca como forma de conexão com Deus e com a tradição nativa da Terra, a cultura indígena é sempre protagonista nessas vivências. Mas, apesar disso, percebe-se que esses aspectos não são suficiente para definir esse tipo de experiência como etnoturismo, visto que, os indígenas se deslocam de seu local de origem para realizar essas cerimônias, e não há uma vivência imersiva na cultura de um povo específico ou de uma determinada cultura étnica.

Então, para compreender tal deslocamento turístico é necessário o entendimento de que o turismo deve ser visto como algo complexo, onde o meio ambiente e as questões individuais dos turistas vão impactar diretamente na experiência. Além disso, no mundo em que vivemos atualmente, nada se define como algo fixo e simplificado, tendo assim uma multidisciplinaridade e uma fluidez de vivências e significados presentes nas relações e nas atividades interpessoais. Por isso, a teoria da complexidade auxilia na

compreensão deste turismo e ajuda no entendimento desse tipo de deslocamento onde os turistas buscam a cura através das plantas de poder dos povos indígenas.

Portanto, é possível entender que o tipo de nicho turístico que acontece nos Centros da Região Metropolitana de Recife, especificamente no município de Camaragibe, no bairro de Aldeia dos Camarás, pode ser explicado por uma definição ampla e muito complexa, visto que, existe uma visão universalista de perspectivas e de culturas dentro dos espaços que são realizados os rituais com a Ayahuasca.

Conclui-se, então, que o deslocamento turístico analisado neste trabalho deve ser compreendido como uma atividade decolonizadora do turismo, já que os objetivos daqueles que buscam tal deslocamento, se dá a partir da participação e valorização de uma cultura historicamente oprimida, mas que se encontra hoje num caminho de resistência bastante significativo. Por isso, o turismo decolonial vem trilhando um caminho de reconexão com uma cultura ancestral, dessa forma, deixando de lado a perspectiva colonial de dominação cultural e trazendo a perspectiva milenar dos povos nativos da terra.

Por fim, vale ressaltar que, dado a complexidade do fenômeno estudado, e da pouca exploração acadêmica no assunto, é possível perceber a necessidade da realização de mais algumas discussões sobre o tema em futuros estudos. Para que, dessa forma, se tenha um melhor entendimento a respeito deste contexto turístico tão significativo para o resgate cultural de todo um processo de resgate cultural que foi perdido devido a um período longo de opressão e apagamento cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUMANSUR, Edin Sued. **"Turismo Religioso e Identidade Nacional"**. Horizonte (Belo Horizonte, Brazil) 16.49 (2018): 88-106.

ALMEIDA, Lorrana Laila Silva; ENOQUE, Alessandro Gomes; JUNIOR, Antonio de Oliveira. **"Turismo Religioso como fonte de Desenvolvimento Local."** Marketing & Tourism Review 4.2 (2020): Marketing & Tourism Review, 2020-05-26, Vol.4 (2).

ARAÚJO, Sofia Azevêdo; TATMATSU, Daniely Ildegardes Brito. **"Pesquisas com Ayahuasca na Psicologia: uma revisão de literatura sobre o potencial terapêutico"** Revista de Psicologia (Fortaleza.) 11.2 (2020): 156-64.

ASSIS, Glauber Loures; RODRIGUES, Jacqueline Alves. **"Uma bebida, muitas visões: apontamentos sociológicos sobre a II Conferência Mundial da Ayahuasca."** Horizontes Antropológicos 24.51 (2018): 135-65.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo; ASSIS, Jaqueline Tavares. **"Compreensão de Sentidos Atribuídos à Ayahuasca: Percursos Terapêuticos do Uso Ritualístico."** Revista Da Abordagem Gestáltica : Phenomenological Studies 24.3 (2018): 162-74. Web.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **"Teologia Decolonial e Epistemologias do Sul."** Interações: Cultura e Comunidade 13.24 (2018): 306-33.

DENCKER, Ada F. M. **Método e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 2000.

GAMBOA, Martin. **"TURISMO MISTICO Y TURISMO RELIGIOSO EN EL DEPARTAMENTO DE LAVALLEJA : una etnografia multi-situada de los atractivos turisticos."** Estudios Y Perspectivas en Turismo 28.1 (2019): 21-37.

GAMBOA, Martín. **"Turismo Místico Y Turismo Religioso: Las Diferencias Conceptuales desde una Mirada Antropológica de la Subjetividad."** Revista Uruguaya De Antropología Y Etnografía 1.1 (2016): 4.

GOULART, Sandra Lucia. **"A Política das Religiões Ayahuasqueiras Brasileiras: Droga, Religião e Direitos."** Religião & Sociedade 39.2 (2019): 200-21.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; SARAIVA, Luiz Alex Silva. **"Ayahuasca e Experiências Religiosa e Cultural Entre Indígenas Da Floresta Amazônica e Nawas Das Cidades."** Revista de Estudos da Religião 21.1 (2021): 121-37.



LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lucia. **O uso ritual das plantas de poder.** Campinas: Mercado das Letras: Fapesp, 2005. p.518.

MARTINAZZO, Celso; DRESCH, Óberson. **"Gênese Das Leis e dos Princípios da Teoria da Complexidade em Edgar Morin."** Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 95.240 (2019): Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, 2019-06-18, Vol.95 (240).

MATOS, Mariana Bueno de Andrade; BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo. **"Autenticidade em Experiências de Turismo: Proposição de Um Novo Olhar Baseado na Teoria da Complexidade de Edgar Morin."** Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo 12.3 (2018): 154-71.

NETO, Clairefont De Souza Mello Neto; TOPPINO, Marcela Augusto. **"ETNOTURISMO COMO MEIO DE PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E VALORIZAÇÃO DA CULTURA DOS POVOS TRADICIONAIS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA."** Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo 5.1 (2019): 72.

SOUZA, Nadson Nei Silva; IRVING, Marta De Azevedo; SOUZA, Cecília De Mello; LIMA, Marcelo Augusto Gurgel. **"Turismo étnico Indígena: Definição Conceptual, Potencialidades Y Desafíos En Brasil."** Turismo : Visão E Ação 23.2 (2021): 308.

SOUZA, Vitor Chaves; NASCIMENTO, Alan Faber do. **"O Turismo Religioso na Sociedade Líquido-moderna: Apropriação da Fé Pelo Trade Turístico."** Estudos de Religião 33.2 (2019): 291315.

STERN, Fábio L. **"Ressignificação do Xamanismo Urbano como Reflexo do Ethos da Nova Era."** Diversidade Religiosa 9.1 (2019): 3-32.

REIS, Maurício De Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. **"O Pensamento Decolonial: Análise, Desafios e Perspectivas."** Revista Espaço Acadêmico 17.202 (2018): 01-11.

Terreiro Ilê Obá Ogunté Sítio de Pai Adão, no Recife, se torna Patrimônio Cultural do Brasil. **G1**, 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2018/09/20/terreiro-sitio-de-pai-adao-no-recife-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-do-brasil.ghtml> >. Acesso em: 12 de Set. De 2022.

TUPPER, Kenneth. **"Enteógenos e Inteligência Existencial: Plantas Mestres Como Instrumentos Cognitivos."** Periferia (Duque De Caxias) 3.2 (2012): Periferia (Duque De Caxias), 2012-09-01, Vol.3 (2).